

PODE-SE EXPLICAR O JORNALISMO PELO SEU DISCURSO? Reflexões epistemológicas para uma matriz teórica do campo¹

CAN WE EXPLAIN JOURNALISM BY ITS DISCOURSE? *Epistemological reflections for a theoretical matrix of the field*

Ângela Teixeira de Moraes²
Rogério Pereira Borges³

Resumo: Este trabalho insere-se nas discussões epistemológicas do jornalismo a partir de uma abordagem teórico-discursiva. Recupera diferentes definições do jornalismo e interroga se o discurso produzido por essa instância social é o seu principal elemento definidor, e se as forças intervenientes para além do texto jornalístico podem ser captadas pelas teorias do discurso, especialmente em três grandes perspectivas: a representacional, a enunciativa e pragmática e a sociocognitiva. Analisa os autores e as teorias clássicas do jornalismo, extraíndo desse conjunto os pontos de tangenciamento com essas perspectivas. Com isso, advoga-se que, ao lado das teorias sociológicas predominantes no campo, as teorias do discurso deveriam constituir matriz teórica que fundamente o jornalismo, visto ser este uma instituição social que só existe em função do discurso que oferece à sociedade.

Palavras-Chave: *Epistemologia do Jornalismo 1. Teorias do Discurso 2. Produção de Sentidos 3.*

Abstract: This work is part of the epistemological discussions of journalism from a theoretical-discursive approach. It recovers different definitions of journalism and questions whether the discourse produced by this social instance is its main defining element, and whether the intervening forces beyond the journalistic text can be captured by discourse theories, especially in three major perspectives: representational, enunciative and pragmatic and socio-cognitive. It analyzes the classic authors and theories of journalism, extracting from this set the points of contact with these perspectives. With this, it is argued that, alongside the sociological theories predominant in the field, discourse theories should constitute a theoretical matrix that underpins journalism, considering journalism is a social institution that only exists as a function of the discourse it offers to society.

Keywords: *Epistemology of Journalism 1. Discourse Theories 2. Production of Meaning 3.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Práticas Interacionais, Linguagens e Produção de sentidos na Comunicação. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2025.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Letras e Linguística (UFG) e Pós-Doutora em Comunicação (UnB). E-mail: atmoraes@ufg.br..

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Doutor em Comunicação (UnB) e Pós-Doutor pela Universidade Fernando Pessoa, Portugal (UFP).

1. Introdução

A questão-problema que motiva este artigo intitula o trabalho. Seria possível propor uma abordagem discursiva que fundamente epistemologicamente o jornalismo, entendendo a produção de sentidos como o principal elemento de investigação nos estudos teóricos? Trata-se, aqui, da tentativa de não reduzir a análise de discurso enquanto método largamente utilizado nas pesquisas em jornalismo, mas ir na direção da construção de uma teoria do discurso voltada para esse dispositivo⁴ comunicacional.

Por vários anos, desde que surgiu como disciplina na década de 1960 com Michel Pêcheux, a Análise de Discurso (AD) vem sendo uma das principais escolhas para a pesquisa qualitativa com textos produzidos pelo jornalismo. Ladeando à Análise de Conteúdo, a AD é um tipo de pesquisa recorrente no campo da comunicação, especialmente quando se busca compreender as chaves operacionais responsáveis pela produção de sentidos. Ou seja, o produto jornalístico materializado em sons, textos e imagens carrega sentidos sociais importantes que atraem a atenção do campo científico.

Mas o objetivo deste trabalho não é o de reafirmar a importância da AD para a pesquisa social. Pretende-se pensar o jornalismo de um ponto de vista epistemológico, a partir do que estudam as teorias do discurso, indagando sobre a natureza desse conhecimento e, em que medida, elas descrevem ou iluminam o objeto. Noutras palavras, é entender que conjunto de conceitos ou preposições são possíveis de serem formulados na direção de uma teoria do jornalismo.

O principal desafio dessa pretensão teórica consiste no fato de que a abordagem discursiva, para a grande maioria dos analistas, se reduz ao *corpus* materializado. Sendo assim, a compreensão de todo o entorno que leva àquela materialização do discurso jornalístico ficaria descoberta pela abordagem discursiva, uma vez que elementos não linguísticos da ordem do político, do organizacional, da economia ou da cultura profissional não seriam devidamente captados.

Sabe-se que as teorias sociológicas têm dominado as teorias do jornalismo. Todavia, se pesquisarmos mais atentamente, é entendendo a linguagem e sua relação com os discursos que muitas dessas teorias se edificam. Mesmo quando o foco inicial não seja o texto, a imagem e

⁴ Por dispositivo comunicacional entende-se um modo pelo qual a comunicação se institucionalizou na modernidade. (Signates, 2016)

outros elementos simbólicos, e sim o extralingüístico, a tentativa de compreendê-lo é para responder à famosa pergunta proposta por Traquina (2005): por que as notícias são como são?

Assume-se, aqui, que não existe prática jornalística que prescinda da produção de um discurso. O jornalismo só se tornou objeto de pesquisa nos primórdios da sociologia (Weber, 2006; Groth, 2011) porque os discursos a eles vinculados e apreendidos pela lógica dessa instituição tornaram-se relevantes para a compreensão da sociedade. O jornalismo só se torna alvo de reconhecimento ou crítica social porque sua produção simbólica impacta o cotidiano dos cidadãos, o Estado e o regime de visibilidade do poder.

Ademais, a noção de condições de produção, cara às teorias do discurso, será teorizada como aquela que pode dar conta das forças intervenientes que atuam nos bastidores da produção dos discursos jornalísticos, com a finalidade de captação da dimensão extralingüística. Assume-se que essa noção não se reduz à dialogicidade que todo texto tem com os contextos históricos, mas avança para entendimentos de parâmetros que estão nas relações entre os produtores de conteúdo jornalístico com os valores da profissão, os constrangimentos organizacionais, os interesses das fontes e as expectativas do leitorado e das audiências.

Didaticamente, propomos apresentar este artigo com a seguinte sequência depois desta introdução: 2- Conceitos de Jornalismo, onde vamos verificar como diferentes autores o definem e o que implica essas definições do ponto de vista teórico; 3- O que é o discurso e quais as contribuições dos diferentes estudos do discurso. 4- História das principais teorias do jornalismo e discussão sobre como essas teorias contemplam ou sinalizam o estudo do discurso; 5- A questão do extralingüístico: como captá-lo na abordagem discursiva; 6- As vantagens e limitações da abordagem teórico-discursiva.

2. Conceitos de Jornalismo

Conceituar o jornalismo não é algo simples. Especialmente porque o substantivo admite inúmeros adjetivos que servem de marcadores distintivos para diferentes práticas e propostas discursivas: jornalismo político, jornalismo literário, radiojornalismo, jornalismo digital, jornalismo alternativo, jornalismo de referência, jornalismo cidadão e por aí vai. Esses adjetivos têm a finalidade de recortar temas, evidenciar suportes midiáticos e gêneros, ou

apontar tendências. Mas o que nos interessa aqui é o substantivo que precede todas essas nomenclaturas.

Para tanto, vamos revisitar os principais autores que fazem parte das teorias do jornalismo adotados no Brasil, tendo por base o trabalho de Santana (2021, 2023) que mapeou os cursos de jornalismo ofertados por universidades federais do País e a bibliografia adotada. Dessa listagem, extraíram-se aqueles autores que explicitavam algum conceito, na tentativa de definir essa prática profissional ou objeto de estudo e, de certa forma, os mais conhecidos no campo, sem a pretensão de hierarquizá-los, nem esgotar as definições em razão do espaço que dispomos para isso.

No quadro abaixo, apresentamos esses conceitos e observamos em que campo de estudo a teorização deles tendem a enfatizar. Depois faremos uma avaliação se essas ênfases comportam uma abordagem discursiva.

AUTOR	CONCEITOS	ÊNFASE
Lage (2014)	<ul style="list-style-type: none"> O jornalismo é uma prática social que se distingue das outras pelo compromisso ético peculiar 	Atividade profissional Ética
Kunczir (2002)	<ul style="list-style-type: none"> O jornalismo é uma profissão de comunicação que detecta, avalia e difunde notícias. Os jornalistas são membros de uma organização hierárquica que controla e influencia em clima de produção intelectual. 	Atividade profissional Produção intelectual
Groth (2011)	<ul style="list-style-type: none"> O jornal é uma obra cultural, cujos elementos fundamentais são a universalidade, a atualidade, a publicidade e a periodicidade 	Produção cultural
Traquina (2005)	<ul style="list-style-type: none"> Jornalismo é uma atividade intelectual. Jornalistas fazem parte de uma comunidade interpretativa 	Produção intelectual
Schudson (2008)	<ul style="list-style-type: none"> A primeira tarefa do jornalismo é o fornecimento de informação, permitindo que os cidadãos construam a sua opinião dotados do maior número possível de ferramentas 	Produção de Informações
Genro Filho (1996)	<ul style="list-style-type: none"> Jornalismo é uma forma social de conhecimento 	Produção de conhecimento
Meditsch (2010)	<ul style="list-style-type: none"> Jornalismo é a construção social do acontecimento 	Discurso sobre a realidade
Sodré 2009	<ul style="list-style-type: none"> Jornalismo é um processo comunicativo que mobiliza diferentes tipos de discurso, operando dentro de uma esfera pública 	Produção discursiva

QUADRO 1- Conceitos de jornalismo

FONTE: dos autores

Observando essa síntese, percebemos duas grandes características que tentam definir o jornalismo: jornalismo enquanto atividade profissional e jornalismo enquanto produção intelectual, esta última variando enquanto produção de informações, de conhecimento ou de discurso sobre os acontecimentos. Discretamente, a ética aparece como elemento definidor, de

maneira a distinguir esse dispositivo comunicacional dos demais que são abraçados pela ciência da comunicação, embora esses autores tratem dela enquanto elemento de legitimação social.

As razões, ao nosso ver, de essas ênfases estarem colocadas, estão na gênese do jornalismo. Antes mesmo de existir uma “ciência dos jornais”, como queria Groth (2011), ou se estabelecer nos currículos dos cursos de jornalismo os seus estudos teóricos específicos, o jornalismo já existia enquanto atividade social. Os jornais que começaram a circular periodicamente na Europa a partir de 1600 eram empreendimentos que visavam fazer circular ideias, opiniões e informações de forma mais periódica e barata que os livros.

Quando o jornalismo se firma na indústria massiva da notícia, um discurso de autolegitimação começa a ser construído e nascem os códigos deontológicos, demarcando eticamente o que é ou não jornalismo, se comparando este a outras produções informacionais. Ou seja, há questões de conduta profissional que dirigem o trabalho dos jornalistas, responsáveis pela imagem positiva do campo junto à sociedade em que ele se estabelece como instituição.

Mas nos parece evidente que o que realmente dá relativa importância ao jornalismo é o que ele produz discursivamente. É a produção de sentidos dos conteúdos veiculados pelo jornalismo e sua consequente participação na construção de uma opinião pública que o faz se consolidar enquanto instituição social. É a forma como ele enxerga os fatos, os acontecimentos e as visões sobre a sociedade que o leva à necessidade de elaborar uma ética própria.

Mesmo no contexto de definir o jornalismo enquanto negócio ou empresa, ele não é qualquer empresa ou negócio. Seu bem produzido é simbólico, viabilizado pela linguagem que, por sua vez, está associada a um discurso. Bourdieu (2007) identifica na credibilidade o maior “patrimônio simbólico” do jornalismo, o qual maneja para conseguir sua inserção social e preservar sua relevância junto ao público, diferenciando-se das demais informações circulantes. Tuchman (1999), por sua vez, menciona que há “rituais estratégicos” que corroboram a pretensa verdade jornalística e sua objetividade, como a busca de fontes primárias, a inserção de aspas em análises que demandam conhecimentos específicos e a apresentação de posições divergentes nas matérias. Já Barthes (1999) enfatiza os “efeitos de verdade” de que a mídia lança mão para se fazer credível, para que nela sejam vistos os sinais necessários de referencialidade que a habilite a se credenciar como uma espécie de “porta-voz” de fontes e descritor confiável de fatos e acontecimentos.

O que o jornalismo entrega às pessoas, apesar de todas essas condicionantes e esses rituais, são discursos. O que o jornalismo capta da sociedade são os discursos de suas fontes. A maneira como os jornalistas tratam os dados e os convertem em texto ou imagem dependem de um filtro discursivo construído na prática profissional, atendendo a interesses diversos vindos da organização, do público, das tecnologias e do contexto histórico. São as “lentes da realidade” de que nos fala Bourdieu (1997), em seu famoso ensaio sobre como funciona a produção de discursos na televisão.

Independentemente de qual jornalismo estamos falando, o que ele faz é produzir discursos. O que se chama de jornalismo independente, por exemplo, é uma denominação baseada em um discurso fruto de constrangimentos outros que tentam se diferenciar daqueles que afetam o jornalismo comercial hegemônico. O jornalismo digital, o telejornalismo ou o radiojornalismo, com suas diferentes estruturas textuais, ritmos e elementos semióticos, também entregam discursos adaptados às suas materialidades. O jornalismo literário, mesmo se caracterizando pelo seu hibridismo linguístico e estilístico, apresenta aos seus leitores uma história repleta de discursos. (Martinez, 2016; Borges, 2013)

Neste ponto, precisamos, agora, conceituar o discurso. Nunca é redundante dizer que discurso não se confunde com o conteúdo de um texto, nem com o texto em si. Ele não é o som, a letra, a cor, a forma. Isso é materialidade linguística, veículo dentro do qual se instaura um discurso, quando emergem questões sobre a história, os sujeitos, as ideologias, os poderes e os contratos comunicacionais (Maingueneau, 1997; Verón, 2004). É nesta direção que iniciamos a próxima discussão.

3. Afinal, o que é o discurso?

Discurso é uma palavra polissêmica. Nos estudos da linguagem, ela admite acepções diferentes, dependendo do campo teórico. Etimologicamente, discurso vem do latim *discursus*, supino de *discurrere*, o verbo discorrer, ou seja, discursar é discorrer sobre as várias partes de um assunto. Na filosofia clássica, os estudos sobre o discurso dizem respeito às análises das estratégias argumentativas, e ficaram conhecidos como estudos da Retórica⁵. Na linguística, o discurso e a análise do discurso admitem outros significados.

⁵ Retórica é a ciência do exercício público da fala, desenvolvida na Antiguidade por filósofos gregos, concebida para entender os processos de persuasão (Charaudeau e Maingueneau, 2004).

De acordo com Mazière (2007) e Mussalin (2001), vários estudos linguísticos propõem análises sobre texto, discurso, sujeito, contexto e história. Contudo, os estudos variam na maneira como esses elementos são combinados e privilegiados pelos pesquisadores, e não formam um campo homogêneo composto de afinações teóricas e metodológicas.

Como acrescenta Orlandi (2007), existem várias maneiras de se estudar a linguagem. As mais tradicionais privilegiam o estudo formal do sistema de signos e as regras formais da língua. As mais recentes ampliam o escopo para os estudos sobre a relação entre linguagem e realidade social – uma abordagem interdisciplinar. É essa última proposta que nos interessamos em explorar, uma vez que o jornalismo não pode ser entendido meramente do ponto de vista do uso formal da língua se se quer avançar em termos teóricos descritivos, explicativos e críticos das forças intervenientes em seu processo de produção simbólica.

Situadas no campo da semântica, na tentativa de entender como a língua produz sentido, as teorias do discurso privilegiam a relação entre linguagem e o entorno extralingüístico. Como afirmam Emediato, Machado e Lara (2020), os estudiosos que colocam a linguagem nesse escopo preocupam-se com a dimensão social da linguagem, “no âmbito da qual o discurso vira instrumento de mediação e de ação” (p. 9). As teorias dão ênfase a problemas “como intenção, influência, identidade social, ação comunicacional, interação social, dialogismo, argumentação, entre tantos outros” (p. 9). Aqui novamente podemos verificar a importância dos contratos de leitura para traduzir os sentidos que os discursos podem emitir.

Num breve resgate histórico, temos na década de 1960 o filósofo Michel Pêcheux, considerado pai da AD Francesa⁶, que propõe uma ruptura epistemológica que colocou o discurso em um outro terreno para onde intervêm questões teóricas relacionadas à ideologia e ao sujeito. Pêcheux (1997) defende uma semântica do discurso para onde convergem componentes linguísticos e sociológicos. Para ele, o analista deve relacionar seu gesto de leitura averiguando as condições de produção dos discursos, ou seja, as possibilidades discursivas dos sujeitos inseridos em determinadas formações sociais.

Outro francês, o filósofo Michel Foucault (2007), define o discurso como materialidade verbal notadamente marcada pela história. Todavia, ele o conceitua como um conjunto de enunciados que obedecem a regras de funcionamento. Noutras palavras, o discurso provém de

⁶ A Análise do Discurso possui hoje várias tendências que não se limitam à França. Gill (2005) chega a enumerar 57 tipos. As mais conhecidas são as de tendência anglosaxônica (AD Inglesa ou ACD) e a Análise de Discurso Crítica. (ADC).

uma formação discursiva (FD) que tem seu regime de formação em relação aos objetos, conceitos, modalidades enunciadoras e estratégias.

Os objetos de um discurso dos quais se ocupam determinadas áreas podem ser numerosos e sujeitos a substituições de acordo com as transformações pelas quais passam os campos de saberes. Os conceitos que movem as formações discursivas dizem respeito a um conjunto obrigatório de esquemas de dependências. As modalidades enunciativas levam em conta os sujeitos autorizados a falar e as formas do dizer. As estratégias são as formas de organização desses elementos anteriores que dão estabilidade à formação discursiva (Foucault, 2007).

Mas os estudos sobre o discurso não se reduzem aos dois autores clássicos. Emediato (2020) fala em três gerações dos estudos dos discursos, e evita denominá-las como AD, por entender que existem várias correntes teóricas que extrapolam os pressupostos da disciplina criada por Pechêux. Se no início o *corpus* inspirador eram os textos políticos, com visada marxista, hoje há uma grande demanda vinda de áreas como a medicina, a administração, a comunicação e até as artes plásticas, que implica teorizações para além das preocupações primeiras sobre ideologia.

As gerações são a representacional, a enunciativa e pragmática e a sociocognitiva. A primeira tendência foi a inaugurada por Pechêux e Foucault. Tenta relacionar um conjunto de textos “a sistemas de valores, à ideologia, ao problema das formações discursivas e imaginárias, ao exercício do poder pelo discurso através da imposição de representações hegemônicas” (Emediato, 2020, p. 23). Nessa abordagem incluem-se ainda Authier-Revuz, Gramsci e Guiddens.

A segunda geração, de tendência enunciativa e pragmática, coloca a noção de sujeito vinculado a papéis sociais “possuindo um projeto de fala e interagindo estrategicamente em situações de comunicação” (Emediato, 2020, p. 27). Ou seja, os sujeitos discursivos têm um estatuto social que gera expectativas sobre suas atitudes discursivas, sendo que os fatores de interelação não são apenas ideológico, “mas ligados ao funcionamento complexo e multivariado das estruturas sociais, das normas dos rituais conversacionais, das tecnologias, dos dispositivos comunicacionais, das situações, das diferentes lógicas de relação entre sujeitos (p. 27). Integram essa geração Charaudeau, Maingueneau, Goffman, Bakhtin e Amossy, por exemplo.

Nesse sentido, Emediato (2020) vê uma vantagem metodológica dessa abordagem:

O funcionamento da linguagem não está necessariamente subordinado a uma pré-compreensão política, funcionalista e econômica do mundo. Se as tendências representacionais dão um enfoque maior ao funcionamento externo – social – do discurso, tendo desenvolvido poucas categorias de análise de uma descrição empírica dos fatos discursivos, as tendências comunicativas e pragmáticas são mais descriptivas (p.28).

A terceira geração de tendência sociocognitiva interessa-se pelas formas de configuração do discurso em termos de compreensão e interpretação pelos sujeitos que produzem e são afetados pelo discurso. Mas não se trata de uma descrição interna da cognição cerebral, e sim de um entendimento dos efeitos pragmáticos das esquematizações, das competências comunicativas e das lógicas atuantes nos gestos de produção de sentidos.

Nessa direção, a cognição social se relaciona diretamente com os problemas da Análise do Discurso, com a diferença que o foco passa do produto aos processos envolvidos na constituição do sujeito, de sua adaptação e ação nas situações que experiencia e interage, na constituição e na função da memória discursiva, entre outros aspectos (Emediato, 2020, p.32).

O teórico cita autores como Courtine, Paveau e Van Dijk dentro dessa geração, ao realizarem estudos sobre processos subjetivos e intersubjetivos na produção e compreensão dos sentidos dos discursos. Eles tentam entender os aspectos psicossociais nas situações de comunicação e interação, ou seja, a forma como os sujeitos constroem imagens e raciocínios sobre si mesmos e sobre os outros, e como controem seus conhecimentos sobre a realidade que os cerca.

Como vimos, essas três grandes possibilidades de estudo das teorias do discurso podem contemplar várias preocupações e interesses dos estudiosos sobre o jornalismo. Embora as questões políticas e ideológicas tenham inicialmente ocupado a maior parte das abordagens envolvendo o jornalismo, questões sobre gênero textual, constrangimentos e rituais organizacionais, autoimagem dos jornalistas, percepção de público, e outras tantas categorias de análise oferecidas por essas abordagens também aumentam o entendimento desse dispositivo comunicacional.

Na próxima seção, vamos revisitar as principais teorias do jornalismo circulantes no Brasil e tentaremos identificar os pontos de contato com as teorias do discurso, a partir das três gerações mencionadas aqui.

3. As teorias clássicas do jornalismo

Na disciplina teoria ou estudos de jornalismo constitutivas dos Projetos Pedagógicos dos cursos de jornalismo no Brasil (PPCs), algumas bibliografias se repetem. Normalmente, são utilizadas compilações feitas por Traquina (2005a, 2005b), Wolf (2008) e Marocco e Berger (2006 e 2008) e Rüdiger (2021). Bibliografia com teorias específicas também compõem alguns currículos, destacando-se aí Otto (2011), Alsina (2009), Genro Filho (1996), Gomes (2009), Meditsch (2010) e Sodré (2009). Vários outros autores compõem a bibliografia básica e complementar, porém, devido ao limite deste artigo, não será possível citá-los todos.

A proposta aqui é selecionar algumas teorias baseadas no grau de recorrência, tendo por referência os trabalhos de Santana (2021, 2023). Notadamente, Traquina (2005a, 2005b) é o principal autor que recupera as teorias estadunidenses, especialmente. Devido ao seu trabalho de síntese das principais teorias sobre o jornalismo, ele aparece em praticamente todas as bibliografias básicas. Além dele, que não é tão citado devido à sua publicação ser mais recente, traremos Rüdiger (2021), porque recupera vários autores brasileiros citados no parágrafo anterior, descrevendo as filiações epistemológicas de suas teorias, entre elas a perspectiva discursiva.

Para facilitar a leitura, propomos o seguinte sumário na forma de quadros resumos. O primeiro com as teorias internacionais, especialmente estadunidenses, e o segundo com a contribuição intelectual brasileira. Nomeamos as teorias e descrevemos brevemente sobre o que elas dizem sobre o jornalismo, destacando as ênfases como fizemos no quadro anterior dedicado aos conceitos de jornalismo. Também indicamos os principais autores que contribuíram com a elaboração da teoria, sem a pretensão de esgotá-los.

TEORIA	DESCRIÇÃO	ÊNFASE
Teoria do Espelho	As notícias são o reflexo da realidade. <i>Abordagem positivista.</i>	Relato fiel da realidade
Teoria da ação pessoal ou gatekeeper	As notícias são resultado das escolhas pessoais dos jornalistas. <i>Autor: David Manning White</i>	Escolha do profissional
Teoria organizacional	As notícias são fruto dos constrangimentos existentes na empresa jornalística. <i>Autor: Warren Breed</i>	Rituais e visão de mundo das empresas
Teoria de ação política	Ideologias de esquerda ou direita determinam os vieses das notícias. <i>Autores: Edward Herman e Noam Chomsky</i>	Ideologia
Abordagem construcionista	O jornalismo constrói a realidade e não a espelha <i>Autores: Gaye Tuchman, Peter Berger e Thomas Luckman</i>	Linguagem jornalística como construtora de realidade

Teoria estruturalista	Notícias são um produto social dependente de fatores macrossociológicos (economia, cultura, hegemonia ideológica) <i>Autor: Stuart Hall</i>	Determinação macrossocial
Teoria Interacionista	As notícias são resultado de um processo de produção que seleciona e transforma os acontecimentos em produto <i>Autores: Gaye Tuchman, Molotch e Lester</i>	Processo de produção
Teoria do Newsmaking	As notícias são fruto dos critérios de noticiabilidade definidos pela cultura jornalística e seus rituais. <i>Autores: Nelson Traquina e Mauro Wolf</i>	Perspectiva jornalística sobre os fatos

QUADRO 2 - Teorias do Jornalismo: compilação internacional

FONTE: dos autores, baseado em Traquina (2005a e 2005b)

O quadro 2, assim como ocorrido quando discutimos os conceitos de jornalismo, contém as teorias do jornalismo que se propõem a responder à pergunta “por que as notícias são como são?”, indagação esta proposta por Traquina para estabelecer o campo de pesquisa em jornalismo. Elas, como demonstrado, focam o olhar ora para análises de produto ora para processos. Questões como quais fatores e forças intervêm no processo de produção jornalístico, ou, filosoficamente, qual a capacidade ou possibilidade de o jornalismo captar e descrever a realidade representada em seu produto ofertado à sociedade, alternam o mote das diferentes teorias mencionadas.

É possível identificar que as teorias preocupadas com o processo diferem quanto à origem do principal constrangimento que afeta a produção jornalística. Se individual, temos a teoria do gatekeeper, que debita a explicação na ação e na intencionalidade dos profissionais. Se microssociológico, o constrangimento é o de natureza institucional, caso das teorias organizacional, interacionista e do newsmaking. Se macrossociológico, a superestrutura social entra como fator determinante, onde se inserem as teorias da ação política e estruturalista.

No âmbito filosófico ficam a teoria do espelho e a abordagem construcionista, uma oposta à outra. Essa oposição moveu também os debates por ocasião da virada linguística no século XX, quando “o foco do conhecimento sai dos limites da representação de sujeitos acerca de um mundo exterior, para a consideração da linguagem como lugar de constituição e/ou estruturação do conhecimento” (Araújo, 2012). A virada debruçou-se sobre a relação entre linguagem e sua capacidade de produzir verdades.

Parece óbvio afirmar que somente as teorias do jornalismo oriundas do debate filosófico a partir das especulações sobre a formulação do conhecimento humano poderiam acolher os estudos sobre o discurso por tratarem a linguagem como ponto central de investigação. E ficaria a dúvida se as teorias oriundas da sociologia, especialmente aquelas voltadas a processos de produção, teriam apporte necessário nas teorias do discurso.

Vamos lá. É preciso reafirmar que as teorias do discurso têm caráter interdisciplinar, pois, ao colocarem o extralinguístico como foco de atenção do analista, permitem adentrar lugares que extrapolam a materialidade linguística, embora seja este o ponto de partida dos estudos. Elas permitem diálogo com outras teorias de caráter sociológico, especialmente, uma vez que não se faz análise sem relacionar sentidos com as condições sociais sobre as quais eles emergem.

Recuperando as gerações propostas por Emediato (2020), diríamos que os estudos oriundos da segunda geração, a enunciativa e pragmática, constituiriam relevante apporte para essas questões de pesquisa, visto que se interessam pelo funcionamento multivariado das estruturas, seus rituais e constrangimentos organizacionais. As pesquisas com audiências, sua interação com os enunciadores jornalistas, e os modos de subjetivação dos profissionais (componente de interesse da teoria do *gatekeeper*) se completariam com a terceira abordagem, a sociocognitiva. A primeira, no que tange aos aspectos ideológicos e representacionais, também dialogam com os estudos mais filosóficos.

Sendo assim, a abordagem discursiva constitui matriz epistemológica interessante a partir da qual várias teorias se beneficiariam em seu poder explicativo sobre o que é o jornalismo enquanto objeto de estudo da comunicação e como pode ser abordado academicamente.

A seguir, apresentamos outro conjunto teórico de onde emergem autores brasileiros. Esse recorte nacional não tem apenas a intenção de prestigiar os acadêmicos brasileiros, mas realçar o esforço intelectual em entender o jornalismo feito no País, visto que os jornais e as redações brasileiras serviram para suas pesquisas empíricas.

PERSPECTIVAS	DESCRIÇÃO	ÊNFASE
Filológica (literatura, discurso, poética e narrativa)	Jornalismo como linguagem: estudo da palavra e do sentido. <i>Autores: Cremilda Medina, Nilson Lage, Eduardo Meditsch, Fausto Neto, Muniz Sodré, Luiz Gonzaga Mota</i>	Semiótica e discurso
Publicística (escola liberal)	Jornalismo é um negócio que visa atrair um público consumidor. <i>Autores: Luiz Beltrão, José Marques de Melo, Manuel Chaparro</i>	Jornalismo como propaganda
Marxista	Jornalismo como meio de manipulação e crítica à ideologia liberal <i>Autores: Perseu Abramo, Nelson Werneck Sodré, Ciro Marcondes Filho, Adelmo Genro Filho, Muniz Sodré</i>	Ideologia
Profissionalista	Jornalismo como construção da realidade <i>Autores: Wilson Gomes, Elias Machado, Josenildo Guerra</i>	Construcionismo

Profissionalista Crítica	Jornalismo enquanto práxis, criadora de conhecimento e construído intersubjetivamente. <i>Autor: Eduardo Meditsch</i>	Jornalismo como forma de conhecimento
Fenomenológica	Lugar de construção do real para consumo da vida cotidiana <i>Autor: Muniz Sodré</i>	Facticidade
Crítico-radical	Jornalismo como espetáculo <i>Autor: José Arbex, Leandro Marshall, Sylvia Moretzsohn e Marilena Chauí</i>	Pós-modernismo

QUADRO 3 - Teorias do Jornalismo: compilação nacional

FONTE: dos autores, baseado em Rüdger (2021)

Rüdger (2021) destaca a abordagem discursiva na perspectiva denominada de filológica, dentro da qual ele adiciona também outras vertentes dos estudos sobre linguagem:

Falando epistemologicamente, o emprego da expressão filologia nos soa mais esclarecedor para dar conta do entendimento do jornalismo como discurso ou, conforme se tornou costume dizer mais recentemente, narrativa verificada nestas teorias, considerando que a reflexão brasileira sobre jornalismo como linguagem sempre foi além da sua análise como sistema de signos ou forma de expressão, que propende a fazer de seu tema mero campo de exercício da linguística ou, mais genericamente, de uma semiótica da cultura. (Rüdger, 2021, p. 27-28).

Segundo ele, o nome filologia surgiu de um projeto de criação de uma ciência geral da cultura de aspecto idealista no século XIX. A filologia consiste, resumidamente, “no estudo do saber contido ou representado nas criações humanas” (p.29), sendo que a linguagem, apesar de adotar uma lógica própria, apresenta-se como um fenômeno da cultura. Nesse sentido, Rüdger, a exemplo de Groth (2011), submete a filologia (e os estudos do discurso nela inseridos) aos estudos da cultura.

De qualquer forma, reconhece-se nessa perspectiva a importância dos estudos da linguagem (e o discurso como parte dela), tornando-se uma dimensão epistemológica importante para o jornalismo. Estudos sobre a objetividade, a representação dos fatos, as influências políticas e ideológicas sobre o jornalismo, os padrões técnicos gráficos e textuais e as questões de gêneros textuais e discursivos são alguns dos temas tratados nessa perspectiva, de acordo com Rüdger (2021).

As demais perspectivas não estão situadas no âmbito dos estudos da linguagem ou, pelo menos, não são vistas pelo autor como possíveis de serem colocadas como pertencentes a esse campo de estudo. Isso porque esses demais estudos possuem tangenciamentos diretos com o campo da comunicação ligada aos interesses liberais (perspectiva publicística), com a sociologia marxista (perspectiva marxista), a teoria do conhecimento (perspectiva

fenomenológica e profissionalista) e com os estudos pós-modernos (perspectiva crítico radical).

Da mesma forma que o exposto no quadro 2, atribuímos pontos de ligação com os interesses de estudo das teorias do discurso; mesmo considerando as teorias que trabalham com os processos de produção jornalísticos, é possível verificar também no quadro 3 elementos discursivos que flertam com as perspectivas propostas por Rüdger (2011). O marxismo é o berço da primeira geração da análise de discurso; a virada linguística, como vimos, é o embrião do construcionismo social, que advoga a importância da linguagem na produção de conhecimento sobre o mundo; e, por fim, adensando essa sexta perspectiva, a discussão filosófica sobre as formas de conhecimento sobre a realidade.

Já a perspectiva crítico-radical, que coloca em suspenso os valores modernos fundantes do jornalismo, poderia ser estudada a partir da problematização do discurso legitimador do jornalismo. Historicamente construído dentro dos parâmetros da democracia e produtor de um discurso sobre os acontecimentos com especificidades deontológicas, esses últimos estudos sobre o jornalismo podem ser captados com essa visada do *ethos* discursivo.

Até este ponto, os leitores deste trabalho podem estar imaginando que a proposta do artigo é fazer crer sobre a possibilidade de um construto panteórico do jornalismo com base nas teorias do discurso. Ou seja, encaminhar a argumentação para propor uma teoria de tudo, uma abordagem que em si contenha a universalidade dos elementos a serem conhecidos no jornalismo, seja do ponto de vista de sua materialidade, seja do ponto de vista do seu processo de produção.

Mas antes de adentrarmos a essa discussão, vamos aprofundar um pouco sobre a dimensão extralinguística do discurso e de que forma isso pode ser percebido e captado pelas teorias e pesquisas em jornalismo.

4. A questão do extralinguístico: as condições de produção

Um conceito-chave nas teorias e nas análises de discurso são as condições de produção. Charaudeau e Maingueneau (2004) afirmam que esse conceito substituiu “a noção muito vaga de ‘circunstâncias’ nas quais um discurso é produzido, para explicitar que se trata de estudar nesse contexto o que condiciona o discurso (p. 114). E, nesse sentido, eles propõem duas formas de pensar o conceito, apresentando-o na perspectiva pragmática e na perspectiva da análise de discurso de origem francesa.

Na AD Francesa, a expressão tem origem na teoria marxista que utiliza o termo ‘condições econômicas’ de produção. Dessa forma, a avaliação das condições de produção de um discurso dependeria de um olhar para as relações de classe presentes nas formações sociais. Embora essa relação mecanicista entre discurso e classes sociais tenha sido criticada pelos especialistas da microssociologia das interações, segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), admitindo questões mais subjetivas dos atores sociais atuando no discurso, as condições de produção continuam fortes enquanto conceito que consideram contexto e memória dos discursos.

Com Foucault (2007), temos uma visão mais complexa das coerções exercidas pelas instituições sobre os discursos e da relação entre o discurso e seu interior, aparecendo o *a priori* histórico e as epistemes como componentes importantes para a compreensão das condições de produção. Assim, o filósofo trabalha com as formações discursivas em vez de formações sociais de perspectiva pechetiana, a fim de que o olhar sobre o discurso não se restrinja às questões de classe social.

Na pragmática, o termo assume um sentido geral como “um conjunto de dados não-linguísticos que organizam um ato de comunicação” (Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 115). Essa descrição sobre os operadores do discurso inclui elementos relativos a uma situação pontual de comunicação, tornando as análises mais situacionais. O sujeito, além de condicionado pela história, pela cultura ou pela classe social, “é igualmente sobredeterminado pelos dispositivos de comunicação nos quais se insere para falar e que lhe impõem certos lugares, certos papéis” (p. 115).

Em Orlandi (2007) temos uma proposta semelhante de entendimento do termo condições de produção. Para a autora, elas compreendem fundamentalmente a relação entre sujeitos e situação, bem como a memória dos sujeitos construída sócio-históricamente. Dito de outra forma, há um sentido estrito em termos de circunstâncias da enunciação, que é mais situacional e imediato; e há o sentido mais amplo, o sócio-histórico e ideológico. Essas duas possibilidades podem guiar o analista que queira entender a relação dos sentidos materializados em um texto com aquilo que entra em ação situado fora dele.

Podemos, então, afirmar que a abordagem discursiva para o entendimento do jornalismo não se reduz, como temos demonstrado, ao que ele produz em termos textuais, sonoros e imagéticos. A contribuição das teorias do discurso reside no fato de essas reconhecerem um exterior que atua na produção dos sentidos ofertados pelo jornalismo, a partir

dessa noção de condições de produção, seja pela investigação de forças intervenientes mais amplas (contextos históricos e macrossociológicos), seja por aquelas mais restritas (contextos situacionais imediatos).

As implicações teórico-metodológicas colocam a abordagem discursiva, ao nosso ver, em patamar de igual valor em relação às teorias sociológicas que estão mais presentes no campo jornalístico. Preferimos não utilizar o termo geral ciências da linguagem nessa defesa, porque nem todas contemplam a visada do extralinguístico – dimensão cara para o entendimento do jornalismo enquanto instituição social produtora de discursos.

Não significa dizer que a abordagem dispensa ou anula a necessidade das teorias aqui apresentadas e consagradas no campo jornalístico. Trata-se de um compartilhamento com a sociologia em termos de fundamentação geral para as teorias que pretendem explicar o jornalismo enquanto objeto de estudo. Aliás, está na gênese das teorias do discurso o diálogo com a sociologia. Mas falta uma aproximação maior desta com os estudos sobre o discurso, em razão de o jornalismo apenas ter se tornado uma instituição social com influência na esfera pública porque produz discursos sobre a realidade social. É pelo discurso que ele é visto, comentado, legitimado e criticado na sociedade.

Portanto, entender os pressupostos do discurso, seus conceitos-chave e os dispositivos analíticos oferecidos pelas diferentes perspectivas teóricas do discurso, é essencial para compreender uma profissão ou uma instituição que existe para captar, fazer circular, interpretar, reelaborar ou mesmo silenciar os discursos produzidos na vida social. Discursos são a sua razão de ser. E a produção de sentidos por meio e através deles.

Essa compreensão passa, evidentemente, pelos elementos motivadores do discurso e seus efeitos de sentido produzidos na sociedade, coisas que mais interessam às abordagens sociológicas. Descrever o jornalismo enquanto instituição social requer necessariamente explicações extralingüísticas, mas os estudos do discurso, como demonstrado, abre espaço para esse olhar evidenciando como elemento constitutivo de qualquer análise discursiva as suas condições de produção.

5. Rumo a uma panteoria?

O jornalismo, nas classificações da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), – aparece como subárea das ciências sociais aplicadas. Isso significa que ele está

dentro de um campo científico que tem como objetivo analisar como pessoas ou instituições se relacionam no ambiente social. As teorias sociais buscam descrever, explicar ou criticar fenômenos que têm impacto na vida social, sejam eles de natureza cultural, política ou econômica.

Assim como a comunicação social, área à qual o jornalismo também se filia, busca-se compreender a realidade social a partir da inserção de dispositivos e mediadores nos debates da esfera pública, as transformações que eles provocam, os poderes que eles engendram e a forma como a subjetividade humana é coletivamente construída e compartilhada.

Podem as teorias do discurso ajudar a responder essas questões que motivam as investigações acadêmicas, visto que se exige a mobilização de um amplo espectro teórico, da complexidade que é a própria sociedade? O que este estudo tentou demonstrar é que sim – as teorias do discurso são capazes de dialogar com as principais preocupações sociológicas de pesquisa no que tange aos fenômenos sociais que emergem por meio de produção de discursos.

Então, não estamos falando de qualquer fenômeno social. Estamos recortando aqueles cuja natureza se manifesta via discurso, caso do jornalismo e outros de ordem comunicacional. Assim, fenômenos que prescindem do discurso diretamente para existir não adotariam, possivelmente, essas teorias como fundamentação teórica. Logo, a abordagem discursiva não tem a pretensão de ser uma panteoria, embora defendemos que processos interacionais mediados pela linguagem, de uma forma geral, podem se beneficiar da visada discursiva.

Tratando-se especificamente do jornalismo, a abordagem discursiva não é a única com poder explicativo desse dispositivo comunicacional, mas também não pode ter um papel coadjuvante. Advogamos que ela deve aparecer como matriz teórica e metodológica ao lado das ciências sociais, de forma interdisciplinar. Caso contrário, saberemos muito sobre as relações entre jornalismo e política, jornalismo e Estado, jornalismo e cultura, sem entender como isso se manifesta por meio dos sentidos das palavras utilizadas pelo jornalismo.

A abordagem discursiva é um microscópio que revela elementos primários constitutivos da ação jornalística que, bem identificados e analisados, tornam as macrorrelações sociais melhor compreendidas. Os enunciados, enquanto unidades mínimas do discurso, vistos em suas relações com o entorno institucional e social, elucidam e fortalecem as especificidades do campo, pois demonstram que o jornalismo constitui prática discursiva singular.

Essa especificidade é o que normalmente é captada pelas teorias clássicas do jornalismo. As teorias do discurso e sociológicas entram como um pano de fundo onde as teorias do jornalismo são tecidas. Como base de um bordado, essas matrizes dão sustentação a elaborações teóricas mais precisas e afeitas à identidade jornalística, o que plenamente justifica o surgimento das diferentes teorias explicativas do jornalismo.

É verdade que as teorias do discurso já oferecem vários dispositivos conceituais e analíticos desenvolvidos que poderiam ser apropriados pelos teóricos da área (vide trabalho de Moraes, Machado e Borges, 2021). Todavia, como podem ser aplicados em trabalhos desenvolvidos em outros *corpus* discursivos, não há a necessidade de os teóricos do jornalismo ficarem reféns de uma terminologia pré-existente. É até importante que os conceitos sejam retrabalhados com vistas à especificidade do objeto, e novas categorias analíticas criadas, evitando, assim, a mera transposição desses conceitos

6. Considerações Finais

O que se pode depreender desta breve reflexão é a pertinência de se incluir as análises discursivas, com seus aportes teóricos e epistemológicos, com suas metodologias versáteis e seus olhares contextuais mais amplos, em paridade com outros feixes teóricos no desafio de explicar o jornalismo e seus desdobramentos. Com diferentes dispositivos, que se acoplam a dimensões históricas, pragmáticas, linguísticas, políticas e sociais, as teorias do discurso têm condições de oferecer respostas interessantes sobre processos de construção das notícias e seus possíveis resultados junto às audiências, não tornando-se uma panteoria, mas dialogando com outras, como as sociológicas e semióticas, por exemplo, nessa missão.

Já existe uma sólida base teórica e epistemológica sobre o discurso, advindas de diferentes épocas, locais e filiações ideológicas, que autorizam essa inclusão mais profunda das disciplinas a ela pertinentes para investigações no campo comunicacional, de modo geral, e no jornalístico, em particular. O presente artigo é uma contribuição neste sentido, uma vez que há publicações disponíveis e mesmo disciplinas que se debruçam sobre as articulações possíveis entre o jornalismo e seus discursos e as análises podem decodificar sentidos, intencionalidades e interesses, dando mais transparência ao complexo processo de se construir a informação que chega ao público.

Referências

- ALSINA. Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, Vozes, 2009.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Curso de Teoria do Conhecimento e Epistemologia**. Barueri: Minha Editora, 2012.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A Era glacial do jornalismo I**: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A Era glacial do jornalismo II**: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- BORGES, Rogério. **Jornalismo literário**: teoria e análise. Florianópolis: Insular, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU: Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- EMEDIATO, Wander. Problemáticas contemporâneas dos estudos do discurso: por uma análise integrada. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; LARA, Gláucia Muniz Proença. **Teorias do Discurso**: novas práticas e formas discursivas. Campinas: Pontes, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Brasília: Fenaj, 1996.
- GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 244-270.
- GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009.
- GROTH. Otto. **O Poder Cultural Desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KUNCZIC, Michael. **Conceitos de Jornalismo - Norte e Sul**. São Paulo: Edusp, 2002.
- LAGE, Nilson. conceitos de Jornalismo e papéis sociais atribuídos a jornalistas. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, vol.1, n.1 p.20-25, Jan-Jul, 2014.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes / Unicamp, 1997.
- MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Insular: Florianópolis, 2016.
- MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso**: história e práticas. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editora, 2007
- MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo e construção social do acontecimento**. In BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Orgs.). **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

MORAES, Ângela Teixeira; MACHADO, Liliane Maria Macedo; BORGES, Rogério Pereira. **Comunicação e Discursividade**: teoria e dispositivos analíticos da AD. Goiânia: Kelps, 2021.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). **Introdução à lingüística 2**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p. 101-142

ORLANDI. Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi (et al). Campinas: Unicamp, 1997

SANTANA. Mayara Jordana Sousa. Mapeamento da Disciplina de Teorias do Jornalismo nos Cursos Ofertados por Universidades Federais no Brasil. In: **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Virtual. São Paulo: Intercom, 2021, p. 1-14.

SANTANA. Mayara Jordana Sousa. **Teorias do Jornalismo e o ensino nos cursos do Centro-Oeste: democracia e cidadania como fundamentos obliterados**. 2023. 362 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

SANTOS, Rogério; PEREIRA, Gonçalo. Entrevista a Michael Shudson. **Comunicação & Cultura**, n.º 5. Lisboa: UCP, 2008, pp. 173-179.

SIGNATES, Luiz. O jornalismo como dispositivo comunicacional. In: MORAES, Ângela Teixeira; MAIA, Juarez Ferraz; FARIAS, Salvio Juliano (Orgs). **Estudos Contemporâneos de Jornalismo**. Coletânea 4. Goiânia: UFG/Cegraf, 2016.

SODRÉ, Muniz. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo I**. Florianópolis: Insular, 2005a.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo II**. Florianópolis: Insular, 2005b.
T

UCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e ‘estórias’. Vega: Lisboa, 1999. (p. 74-90).

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

WEBER, Max. **Sociologia da imprensa**: um programa de pesquisa. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Orgs.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 34-44.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.